

K.L. SLATER

Bestseller internacional • Mais de 900 000 livros vendidos

PROFUNDA OBSESSÃO

Até onde iria para proteger a sua família?

TOP
SELER

*Para o meu marido, Mac.
Obrigada por tudo...
Nada disto seria possível sem ti.*

FIM

Ela permanece imóvel, com a faca na mão. Os seus dedos cingem a substância húmida e viscosa que cobre o cabo e vai escorrendo, num fio, pelo seu pulso.

A casa está silenciosa e quieta, como se sustivesse a respiração. Ouve o tiquetaque do relógio de parede e o som longínquo e ocasional dos veículos que passam lá fora, na estrada. Olha fixamente para a mulher caída no chão, aos seus pés. Há muito tempo que se desprezavam, e, ultimamente, houve alturas em que não suportava sequer olhar para ela. Agora, não consegue desviar o olhar, fascinada com a auréola rubra que emana da cabeça da moribunda.

Aquela guerra silenciosa entre as duas não podia continuar. No final, uma delas teria necessariamente de ser derrotada.

Agora, sente uma calma interior, como não sentia há muito, muito tempo. Como odiava aquela mulher! Odiou-a durante tanto tempo, e agora... não sente nada.

Os olhos da mulher estão fechados, mas há um ligeiro movimento no seu peito. A espaços, é perceptível um pulsar rápido e desesperado sob o tecido fino que cobre o seu peito tingido de vermelho. Uma blusa que, antes, fora de um branco imaculado.

Quem matou o Tordo?

Eu, disse o Pardal,

Com este arco e flecha, tal qual.

Eu matei o Tordo.

Murmura as palavras da cantilena infantil e sorri, ao lembrar-se de que era uma das suas preferidas em criança. Os rapazes têm um livro em casa com esta cantilena, e, por vezes, ela lê-a ao pequeno Josh.

Os rapazes.

Vão ficar radiantes por, finalmente, serem só seus.

Sempre teve certeza de uma coisa: eles seriam seus.

E o melhor de tudo é que, agora, nunca mais ninguém poderá voltar a tirar-lhos.

INÍCIO

CAPÍTULO 1



No presente

Amber

O emprego e o apartamento eram assuntos arrumados há algum tempo, e a história do seu passado estava finalmente montada. Ensaicara tudo na sua cabeça até parecer real.

A espera tinha sido um suplício, mas ela sabia que era fulcral que não houvesse quaisquer pontas soltas. Fora essencial para garantir o sucesso desta gloriosa etapa final.

Os últimos três anos haviam sido longos e tortuosos. Tinha-se sentido impotente e desesperada, mas isso eram águas passadas. As peças irregulares começavam agora a encaixar-se, lenta e harmoniosamente, como um delicado quebra-cabeças.

Durante algum tempo, Amber imaginou uma situação em que pudesse simular um encontro acidental com Ben Jukes, mas acabou por não ser necessário. Uma manhã, ao entrar na loja de conveniência perto do seu trabalho, lá estava ele. Sozinho, a olhar para a banca de jornais.

Posicionou-se atrás dele, na fila, segurando hesitantemente o seu próprio jornal e uma barra de cereais. Ele cheirava a sabonete e a sândalo, aromas agradáveis para a maioria das pessoas, mas que lhe causaram um ligeiro nó no estômago.

Sem se aperceber da presença dela, ele continuou a olhar pela janela, à medida que a fila avançava, o seu maxilar austero e pálido contrastante com a luz impiedosa da manhã. Ela deu um pequeno passo para o lado, de modo a descortinar melhor o rosto dele,

e percebeu, pelo olhar absorto, que ele estava perdido nos seus próprios pensamentos. Pensaria, eventualmente, na falecida esposa. Ela sorriu para si mesma.

O som do terminal de multibanco e o murmúrio das vozes dos clientes à sua volta assemelhavam-se ao zumbido de insetos irritantes; porém, simultaneamente, começou a imaginar que estava ali sozinha com Ben.

— A seguir, por favor — resmungou o caixa.

Subitamente, Ben despertou do seu torpor e deu um passo em frente. Amber percebeu que ele não ia reparar na sua presença e sentiu a centelha da expectativa a morrer dentro do seu peito, como um fósforo que se apagava, mas não se deixou abater e recompôs-se rapidamente.

Era apenas um contratempo, nada mais. Haveriam de ficar juntos, disso tinha a certeza. Afinal de contas, era algo que estava destinado.

Nada haveria de travar os seus desígnios. Ela não permitiria que algo se interpusesse no seu caminho.

No dia a seguir ao seu primeiro quase-encontro, Amber programou o alarme para as 6 horas, arranjou o cabelo e até reservou tempo para se maquilhar, antes de sair do seu minúsculo To.

Na fase mais negra da sua vida, perdera o interesse em cuidar da sua aparência, por isso aprumar-se antes de sair para o trabalho constituía agora uma mudança relativamente à habitual saída à pressa de casa, nas manhãs em que era tudo feito em cima do joelho e saía de cara por maquilhar e cabelo ainda molhado.

Era incrível a diferença que um pequeno esforço fazia na sua aparência. Um ligeiro risco no canto do olho com *eyeliner* líquido e um pouco de rímel transformavam os seus olhos cinzentos, baços e sem vida em olhos amendoados, quase felinos.

Depois de aplicar um pouco de gel e uma boa dose de laca barata no cabelo, o louro oleoso depressa se transformava no penteado sofisticado que o cabeleireiro tivera em mente.

A comida era agora um inconveniente para Amber. O apetite fora mais uma das vítimas dos pensamentos perturbados que pareciam

permeiar tudo o que fazia. Aprendera a lidar com isso limitando-se a enganar a fome sempre que o seu estômago rugia em protesto.

De igual modo, ao longo dos anos, nunca retirara prazer do ato de comprar roupa; tudo lhe parecia fútil e vão. Não obstante, sempre que abria o roupeiro, ainda encontrava um ou dois conjuntos que não lhe pareciam *demasiado* puídos e que acabavam, invariavelmente, por ser a sua escolha.

Demorara muito tempo a aproximar-se de Ben Jukes, e, agora que havia uma forte probabilidade de voltar a vê-lo, sabia que era essencial delinear um bom plano de ação.

Anos passados a lidar com um fogo interior que ameaçava consumi-la, planos incansavelmente traçados e a invariável espera infinita por uma oportunidade... Sem dúvida que não tencionava deitar tudo por terra agora.

Após aquele primeiro encontro fortuito com Ben, Amber certificou-se de que chegava à loja de conveniência dez minutos antes do habitual todas as manhãs. As pessoas tendem a ganhar o hábito de frequentar pequenas lojas como aquela, por isso era altamente improvável que ele lá tivesse ido apenas uma vez e que nunca mais voltasse. Além disso, ela sabia que era a loja mais próxima do local de trabalho de Ben.

Decidiu, então, seguir à risca a sua nova rotina. E assim foi: três dias depois, ali estava ele. Ela jurou para si mesma que desta vez não desperdiçaria a oportunidade.

Deambulou pela secção de bolachas e batatas fritas e, no último momento, retirou um pacote de leite da pequena arca frigorífica junto à porta. Avançou descontraidamente para o balcão ao mesmo tempo que ele. Porém, imediatamente antes de ele entrar na fila para pagar, posicionou-se desajeitadamente à sua frente, deixando cair as chaves do carro aos pés dele.

— Desculpe! Peço imensa desculpa — balbuciou. — Sou uma desastrada.

Inclinou-se para a frente no ângulo preciso, ciente de que seria impossível ele não reparar no seu grande decote, que revelava a sua pele macia e ligeiramente bronzada.

Voltou a levantar-se, tentando equilibrar o pacote de leite, a mala e as chaves do carro. Sorriu sem trocar um olhar com ele. Por fim, quando já receava que ele fosse virar-se sem lhe ligar, ele interpelou-a.

— Isto é sempre um caos, não é? — disse ele, com um sorriso. Ela reparou que os seus dentes eram direitos e brilhantes. — Estou sempre a dizer que vou passar a ir ao Tesco da Palmer Street, mas esse deve ser ainda pior.

— Eu trabalho aqui perto — explicou Amber, endireitando-se. — Dá-me jeito vir aqui.

Ela ficava apenas um pouco aquém do um metro e oitenta e cinco dele. De perto, reparou nos seus olhos cor de avelã. Voltou a sentir o aroma a sândalo e tentou disfarçar a respiração ofegante.

— Onde trabalha? — A testa de Ben enrugou-se, à medida que começava a ligar os pontos. Não havia muita coisa ali na zona, à exceção da loja de conveniência e da urbanização. — É na escola?

— No centro infantil — respondeu Amber. — Estamos mesmo nas traseiras da escola.

— É professora?

Ela riu-se, abanando a cabeça.

— Sou técnica superior de apoio à família.

— O mundo é pequeno. — Ele sorriu e estendeu-lhe a mão. — Ben Jukes. Dou aulas na escola.

— A sério? — Ela arregalou os olhos, agradavelmente surpreendida, enquanto lhe apertava a mão. Teve vontade de soltar uma gargalhada. — O mundo é mesmo pequeno. Sou a Amber Carr.

Há meses que ela sabia exatamente onde Ben trabalhava.

Sabia o nome da rua onde ele vivia e em que supermercado fazia as compras semanais.

Sabia que a mãe dele fazia a limpeza em sua casa às quartas e sextas.

E, mais importante ainda, sabia o nome dos seus dois filhos.

CAPÍTULO 2

Judi

Está tudo pronto.

A carne de porco está no forno, coberta com a folha de alumínio, e uma espreitadela plena de regozijo confirma que a pele irá ficar perfeitamente estaladiça. Tal como o Ben tanto gosta.

O *crumble* de maçã, com a minha cobertura especial de aveia, está pronto para ir ao forno, e tenho um pacote grande de creme de baunilha da Marks & Spencer guardado no frigorífico. Descobri que ninguém repara numa pequena batota, desde que seja só de vez em quando. O truque consiste em não exagerar.

Sempre gostei de cozinhar; é uma das poucas coisas que me dão genuíno prazer. Nos últimos anos, fiquei viciada em programas de televisão como o *Masterchef* e o *The Great British Bake Off*, e o meu entusiasmo cresceu a par com o prazer com que a minha família devora os meus cozinhados. Os meus almoços de domingo tornaram-se uma tradição familiar.

Espreito o relógio pelo canto do olho. Dentro de meia hora, terei os meus rapazes em casa.

Ouçõ a porta das traseiras a abrir e vejo a cara sorridente do Henry.

— Cheira bem.

Ele entra na cozinha com as botas de cabedal a largar folhas de relva recém-cortada no chão que eu acabei de varrer.

— Eles devem chegar daqui a meia hora. — Viro costas e mergulho as minhas mãos numa pia de água com sabão a esquentar.

— Ficaste de mostrar umas fotos aos miúdos depois do almoço, lembra-te?

— Ah, sim, é verdade — confirma ele. Ouço-o a tirar as botas na despensa. — Vou já dar um salto ao sótão. Que tal um chazinho?

Quando tiro os dedos da água, vejo que estão engelhados e vermelhos. A pele outrora firme e lisa das costas das minhas mãos está a mudar; um pouco mais enrugada e mais lenta a retomar a forma original quando a belisco. Costumava fazer questão de usar luvas de borracha e creme para as mãos. Não me lembro de quando deixei de o fazer.

Fecho os olhos por instantes e suporto a água a escaldar, que continua a queimar-me a pele. Inspiro e sustenho a respiração por alguns instantes.

O meu coração bate descompassadamente e os meus joelhos parecem ceder sem motivo aparente. Acontece sempre nas alturas mais impróprias. *Está tudo bem*, tento convencer-me. *Vai passar não tarda*.

É de pensar em tudo o que ainda me falta fazer. Um almoço. Não é mais do que isso, mas, ultimamente, sinto as mais pequenas coisas como obstáculos quase intransponíveis.

Procuro sempre que esteja tudo perfeito, mas isso quase nunca acontece.

Os rapazes vão chegar daqui a nada e a casa vai passar novamente a ser um lar, mergulhado num caos barulhento e glorioso, tal como quando o Ben e o David eram miúdos. Muito antes das más decisões e das terríveis consequências.

Nos primeiros dez anos do nosso casamento, o Henry chegou a gerente de filial do National Westminster Bank, em Nottingham. Poder-se-ia dizer que tínhamos uma vida estável e previsível na altura, mas a verdade é que eu também nunca aspirei pela sofisticação e o magnetismo de Londres que alguns dos seus colegas perseguiram, nem tão-pouco almejei fazer carreira.

Era uma dona de casa feliz: fazia pão, passava as férias da escola com os miúdos, a cultivar vegetais no nosso terreno ou, durante o verão, na nossa pequena casa de campo em Staithes, onde o Henry

se juntava a nós aos fins de semana. Não a alugávamos; era para nosso usufruto exclusivo. O nosso reduto longe do mundo.

Agora, é-me difícil pensar sequer nesses tempos.

O Henry surge ao meu lado.

— Em que estás a matutar? — Aproxima-se de mim, como se conseguisse ler os meus pensamentos. Afasto a imagem da casa de campo da minha mente. Tiro as mãos da água e limpo as bolhas de espuma.

— Estava só a pensar no que falta fazer para o almoço. — Pego no pano de cozinha e enxugo as mãos vermelhas. O Henry recua um passo.

— Perguntei se querias que pusesse a mesa antes de ir à procura das fotos antigas.

— Não, deixa estar, obrigada. Eu trato disso. — Alcanço o meu copo de água e bebo um gole porque tenho a boca seca. — Comprei guardanapos do Thomas e os Seus Amigos.

O Henry avança para fora da cozinha, mas logo a seguir hesita e vira-se para trás.

— Pensei que eles agora ligavam mais a super-heróis, como aquelas personagens da Marvel.

— Isso é tudo demasiado violento. Não quero incentivá-los. Passas-me um pano de cozinha lavado?

Escorro as batatas, acrescento manteiga e leite gordo e começo a esmagá-las para fazer o puré.

Alguns minutos depois, ouço o Henry a vasculhar o sótão mesmo por cima de mim, à procura das fotografias.

Ouvi-o a contar ao Noah e ao Josh, no início da semana, as coisas que o pai deles e o tio David faziam na casa de campo. Histórias patetas que os miúdos adoram, sobre as caçadas a dinossauros e a descoberta de fósseis raros nos penhascos.

Histórias que me apertam o coração até este parecer uma ameixa engelhada.

— Encontrei-as. — Ele voltou a entrar na cozinha alguns minutos depois, erguendo uma sacola volumosa acima da cabeça como se fosse um troféu.

Um simulacro de sorriso assoma aos meus lábios; é o melhor que consigo fazer.

Ficamos os dois sobressaltados quando ouvimos o som cavo de um motor e a subsequente derrapagem na gravilha que cobre o piso da entrada.

— Já chegaram. — O Henry corre para a porta.

— Estão adiantados. — Olho de relance para o relógio, sentindo o coração acelerado.

A porta da rua abre-se num repelão e o som apazível da chegada dos meus netos enche o corredor. As paredes reverberam com o barulho dos sabres de luz e o zumbido dos monstros de plástico que se transformam em veículos elaborados com um simples toque num botão.

Nenhum deles se descalça; ouço o estampido dos sapatos no soa-lho flutuante do corredor.

A Louise fazia os rapazes entrarem em casa da forma mais ordeira possível, mas claro que tal nem sequer passa pela cabeça do Ben, e eu adoro-o por isso. Perdemos a Louise há pouco mais de dois anos, e ele tem estado a fazer um ótimo trabalho a criar os filhos sozinho.

Volto a tapar a panela com as batatas, deixando o puré por fazer, e limpo as mãos ao avental, dirigindo-me para a porta da cozinha para os cumprimentar.

Tento que o meu olhar se cruze com o do Ben, mas ele está ocupado a descalçar as botas.

Passa-me pela cabeça que talvez não se sinta bem. Estou habituada a vê-lo a cantar ou a trautear, ou até mesmo ambas as coisas. Hoje, parece-me invulgarmente calado.

De imediato, a minha respiração torna-se acelerada. Tento lembrar-me do que está escrito naquele livro sobre saúde da mulher, aquele que tenho guardado no fundo do roupeiro.

Evoque pensamentos positivos.

Descontraia os ombros.

Respire.

Eu tento.

— O pai comprou-nos o novo Transformers Generation Leader — atira o Noah, a longa frase dita de supetão. Empurra um robot de plástico branco e vermelho de 30 centímetros e aspeto agressivo na minha direção. — Olha, avó, tem canhões de neutrões nos braços.

— Que maravilha! — Toco a medo na maquineta com o indicador. — Espero que ele goste dos meus cozinhados; tem ar de ser capaz de ficar irritado.

O Ben levanta finalmente o olhar dos atacadores das botas e pisca-me o olho.

— Os Transformers não *comem*, avó — explica o Josh, com uma gargalhada. — São *robots mísseis*.

— Claro que sim. — Ofereço a minha face ao Ben. — Sou uma tola.

Agarro no Josh quando ele tenta passar por mim a correr e enterro a minha cara no seu cabelo, que cheira a maçã, apercebendo-me de que o Ben começou a usar o champô que lhes comprei na semana passada. Apesar de saber que é uma tolice, fico radiante.

O Josh debate-se, ansioso por se juntar ao irmão na sala, e, com relutância, deixo-o ir.

Volto para a cozinha para terminar o almoço, mais animada e com o coração cheio.

Os meus rapazes chegaram a casa.

CAPÍTULO 3

Judi

Tenho a certeza de que, se fosse possível, a grande e velha mesa de carvalho gemeria ligeiramente sob o peso das terrinas de porcelana cheias de batatas assadas, puré e vegetais — incluindo o prato preferido de todos, cherivias com cobertura de mel — e da travessa com grossas fatias de carne de porco assada.

A luz matinal de março penetra, difusa, pela janela atrás do Ben, iluminando o seu cabelo como uma auréola. O Noah e o Josh atacam a comida com voracidade. Sinto os meus ombros relaxarem ligeiramente e bebo um gole do vinho branco que o Henry me serviu.

Ver a mesa repleta e a casa animada com a presença das pessoas de quem mais gosto enche-me o coração.

— Adoramos a comida da avó, não é verdade, rapazes? — O Ben olha para os filhos com os olhos semicerrados de orgulho e depois vira-se para mim. — Passamos a semana toda ansiosos pelos teus almoços de domingo, sabias, mãe?

— A carne está no ponto, como sempre, Jude. Parabéns — sublinha o Henry.

As minhas faces ruborizam de contentamento quando alcanço a molheira, regando a carne e as batatas do Josh com o molho de cebolada, rico e acastanhado. Alimentar a minha família é, para mim, a mais pura demonstração de amor.

Olho, radiante, para o meu filho.

— A nossa pequena família, toda junta, deixa-me muito feliz.

— Não há nada melhor na vida — acrescenta o Henry.

A morte da Louise deixou-nos a todos muito abalados. Há dois anos, tinha o Noah 6 anos e o Josh apenas 3, foi-lhe diagnosticada uma leucemia. A Louise e o Ben deram-nos a notícia, a mim e ao Henry, durante a nossa caminhada de domingo no Wollaton Park, quando os rapazes se adiantaram em passo de corrida e nós nos detivemos para admirar a nova vida: rebentos verdes, campainhas brancas e flores de açafão germinavam à nossa volta como confetes espalhados pelo chão.

Ela morreu em outubro do mesmo ano. Foi tudo extremamente rápido e doloroso.

A única solução foi unirmo-nos ainda mais, apoiarmo-nos mutuamente e mantermos a vida o mais normal possível para o Noah e o Josh. O Ben apoiou-se em nós, os seus pais. Abriu-nos a porta das suas vidas e permitiu que o ajudássemos e apoiássemos.

Reduzi de imediato o meu horário na clínica, e o Henry pediu a reforma antecipada e cancelou as pescarias durante uns tempos.

Os nossos netos tornaram-se a nossa prioridade. Eu costumava ir buscá-los à escola todos os dias, dava-lhes o lanche em casa do Ben, em Colwick, e ficava lá com eles até o meu filho chegar a casa da Colwick Park Academy, onde lecionava aulas de Ciências.

Longe de ficar exausta, sentia-me anos mais nova.

As manhãs cinzentas e intermináveis e as noites invariáveis e enfadonhas foram subitamente preenchidas com coisas para fazer. Limpava a casa do Ben duas vezes por semana e tratava-lhes da roupa. Fazia-o por amor, e o Henry acabou por aprender a guardar para si a sua ligeira desaprovação.

Tenho tentado convencer o Ben a mudar-se para mais perto de nós. A zona de Lady Bay, perto da nossa casa, em West Bridgford, é muito agradável, e as escolas são ideais para os rapazes.

Até agora, ele tem-se mostrado relutante, mas, como a nova urbanização que fica a cinco minutos da nossa casa está na fase final, parece ser a altura ideal para mudarem de ares.

Há alguns meses, fez dois anos que a Louise morreu. Decidimos assinalar a ocasião com uma visita à nossa igreja e um

jantar comemorativo em nossa casa, dedicado à vida da Louise. O Ben fez uma comovente colagem de fotografias, e falámos com os miúdos sobre a Louise e sobre o quanto a mãe gostava deles.

Foi difícil, mas apropriado. Muito apropriado, pareceu-me.

Apanho o Henry a olhar para mim com expectativa e aceno-lhe de forma sub-reptícia. Seria típico dele descair-se com a nossa surpresa antes do tempo, e quero esperar até depois do almoço, para não haver distrações e podermos desfrutar em pleno da reação do Ben e dos rapazes.

Depois de a última colherada de *crumble* de maçã caseiro e creme de baunilha ter sido devorada pelos meus netos famintos, o Henry ajuda-me a levantar a mesa, enquanto o Ben brinca com o Noah e o Josh e o seu novo robot, na sala.

— Daqui a nada apareço com as fotos, o que dizes? — sussurra-me o Henry, enquanto raspa os pratos.

— Sim — anuo, ansiosamente. — Mal posso esperar para ver a reação deles.

Levo um tabuleiro com o café, e o Henry segue-me com as fotografias. No espaço de minutos, imagens preciosas do Ben e do seu irmão mais velho, o David, estão espalhadas pelo chão. Afasto-me e fico parada junto à porta.

— Céus, lembro-me bem deste dia! — exclama o Ben, pegando numa fotografia sua e do irmão. Vira-a ligeiramente para que os rapazes consigam ver. — Dois minutos depois de o avô ter tirado esta foto, o vosso tio David não me queria deixar usar o seu novo taco de críquete, por isso tirei-lho e bati-lhe com ele na canela. — Faz um esgar de tristeza para os filhos. — Fiquei com o rabo a arder durante horas depois da sova que levei do vosso avô.

O Noah e o Josh rebolam no chão a rir.

— Mas não podes dizer que não foi merecido — troça o Henry. — É uma pena os pais já não poderem disciplinar os filhos. Uma palmada nunca vos fez mal nenhum, a ti e ao teu irmão.

— Porque é que o tio David morreu, papá? — pergunta o Josh, com a sua voz nítida a rasgar o ar denso como uma faca.

Com idade suficiente para compreender que se trata de um assunto tabu, o Noah franze o sobrolho e dá um encontrão ao irmão mais novo. O Ben aclara a voz.

— Ele teve um acidente, Josh — começa, lançando-me um olhar. — Mas não é altura de pensarmos nessas coisas tristes.

A ausência do David enche a sala como uma neblina impenetrável durante um ou dois segundos.

— Nós nunca levamos palmadas, avô — afirma o Noah, solenemente, quebrando o encantamento. — Porque nunca nos portamos mal.

O Ben finge que se engasga com o café.

— Então e na semana passada, quando não estendeste o jornal no chão, apesar de to ter pedido inúmeras vezes, e sujaste o tapete do quarto com respingos de tinta?

— Foi um acidente *artístico* — protesta o Noah, com uma expressão de mágoa estampada no rosto.

No dia seguinte ao incidente, quando os rapazes estavam na escola e o Ben estava a trabalhar, só consegui eliminar as marcas após três passagens com o tira-nódoas.

— Ah, sim, e quando o Noah se pendurou na porta do roupeiro vestido de Batman? — O Ben tenta fazer cara séria, mas em vão. — Deu-me cabo das dobradiças todas. Também foi um acidente?

Os rapazes percebem a sua tentativa de mostrar cara feia e trocam olhares trocistas.

— Acho que chega de falar de traquinices. — Sorrio de forma cúmplice para o Henry. — Há um motivo para termos recordado os bons velhos tempos que passámos em férias quando o vosso pai e o vosso tio eram novos.

O Ben franziu o sobrolho.

— Descobri quem são os novos proprietários da nossa antiga casa de campo — anuncia o Henry. — Parece que a alugam de forma seletiva a amigos e familiares. Então perguntei-lhes se estava disponível...

— A *nossa* casa de campo? — pergunto, em surdina. — Falámos em alugar uma casa, mas não sabia que estavas a pensar...

— Sim, a nossa casa de campo, essa mesma. E vou alugá-la durante duas semanas no verão — anuncia o Henry de repente, incapaz de esperar mais um segundo. — Vamos todos passar férias juntos. Por nossa conta!

O Noah e o Josh desatam aos pulos sem sair do lugar, cantando repetidamente: «Vamos... de... férias!»

O Henry começa a rir e recolhe rapidamente as fotografias de debaixo dos pés deles, enquanto eles correm, um atrás do outro, para fora da sala.

O Ben, porém... O Ben permanece calado.

— Tu e os rapazes não tiram férias desde... Bem, já lá vão três anos — digo-lhe gentilmente, afastando os pensamentos da casa de campo. — Pensámos que seria uma boa pausa para vocês.

Não é a altura nem o lugar para me irritar com os planos inesperados do Henry. Contudo, mais tarde, tenho todas as intenções de o fazer.

— Eu... É muito simpático da vossa parte — diz o Ben, hesitante, com o rubor a assomar-lhe às faces. — Agradeço-vos imenso. Mas...

— Mas o quê? — interpela o Henry, percebendo a minha expressão. — Não me digas que tens outros planos, Ben. Nunca vais a lado nenhum...

— Isso pode estar a mudar — diz o Ben, com a cara muito vermelha. — Ia dizer-vos quando cheguei, mas quis esperar pela melhor altura. Quero dizer, ainda não é nada de muito sério, mas...

— Desembucha, homem! — O Henry revira os olhos.

— Aconteceu há cerca de dois meses. Foi totalmente inesperado, como são sempre estas coisas, presumo. — Ele respira fundo. — É que eu... Bem, conheci uma pessoa.

— Conheceste uma pessoa? — ouço-me repetir.

— Sim, mãe. — O Ben pega na minha mão. — Conheci uma pessoa especial. Chama-se Amber.

CAPÍTULO 4

Amber

Após ser atendido ao balcão, Ben virou-se e sorriu para Amber, enquanto passava por ela em direção à porta da loja de conveniência.

Ela resistiu ao impulso de travar a sua saída e avançou para o balcão para pagar o leite que nem sequer queria.

— Posso pagar, por favor? — O idiota do empregado estava ocupado com qualquer coisa sob o balcão. Enquanto isso, Amber ficou a olhar para Ben, à medida que este passava à frente da loja, rua abaixo. Estava novamente a afastar-se dela.

— Atendo-a já de seguida — balbuciou o empregado. — Deixei cair o raio da caneta aqui algures.

— Olhe, esqueça. — Amber atirou com o leite para cima do balcão. O pacote abriu-se e uma poça de líquido branco e espesso começou a formar-se sob o mesmo. Ela virou costas e avançou para a porta, resoluta, ignorando o olhar reprovador dos clientes que estavam atrás de si, na fila.

— Ouça lá! — ouviu o empregado gritar, irado. — Tem de pagar isto.

Ela não voltou atrás nem respondeu. A sua cabeça estava preenchida pela vaga neblina que lhe tomava conta da mente de vez em quando e apagava tudo à sua volta.

Contudo, assim que saiu da loja, as nuvens negras dissiparam-se. Ben estava à espera dela um pouco mais abaixo. À medida que

ela se ia aproximando dele, abrandou o passo, até parar, fingindo procurar algo na mala.

Pelo canto do olho, viu-o acercar-se.

— Amber. É um nome muito bonito. — Os ombros dele eram largos, os braços robustos, mas as suas faces estavam coradas como as de um colegial. — Estava a pensar que talvez... Eu...

Ela ficou em silêncio, a vê-lo debater-se.

— Bom, queria perguntar-lhe se gostaria de ir tomar um café ou algo assim — acaba ele por dizer, batendo com o jornal enrolado contra a perna. — Quer dizer, se não for comprometida. Não quero...

— Não sou — atalhou Amber. — E obrigada, adoraria ir tomar um café consigo.

— Oh... — Por uma fração de segundo, ele ficou perplexo. — Obrigado. Quero dizer, ótimo. Isso é ótimo.

Apesar de às 16 horas ainda ser demasiado cedo para a maioria das pessoas já ter saído do trabalho, Amber ficou desconsolada ao descobrir que quase não havia mesas livres no café onde ambos tinham combinado encontrar-se.

Ela chegara um pouco mais cedo para guardar mesa, mas o café estava repleto de jovens mães, crianças ranhosas em carrinhos de bebé de marca e alguns adolescentes ensimesmados que mal desviavam os olhos dos telemóveis mesmo quando falavam uns com os outros.

Ela olhou em redor e viu uma pequena mesa redonda, mais ao fundo, que estava livre. Dirigiu-se para lá e reparou que se situava entre a parede e um executivo sentado em frente a um computador portátil aberto, enquanto falava animadamente ao telemóvel.

Pegou num tabuleiro abandonado, encostado à parede, e usou-o para recolher as chávenas de café vazias e os invólucros dos bolos espalhados pela mesa. Não queria perder o lugar, por isso deixou o tabuleiro ali mesmo e sentou-se no banco corrido, de frente para a porta. Consultou o relógio e reparou que faltavam cinco minutos para a hora marcada para o encontro.

Tinha as mãos suadas e sentiu os batimentos cardíacos acelerados, mas, no geral, sentia-se bem. Ainda era muito cedo, mas tudo parecia estar a correr de feição, tal como planeara.

O executivo, ainda agarrado ao telemóvel, soltou uma gargalhada ridícula e teatral.

— Estás a falar a sério? Assim não vamos lá, amigo. É uma semana depois do prazo acordado. Sim, eu compreendo, mas a resposta é não. Entendido?

Pelo canto do olho, Amber reparou que ele olhava para ela, como se tentasse perceber se teria ficado impressionada com a sua confiança profissional. Ela ignorou-o e olhou em frente. Deparou-se com uma mesa repleta de jovens mães cheias de estilo, com as suas extensões de cabelo pela cintura e as suas sobrancelhas arrançadas. Os filhos, vestidos com roupas de marca, faziam de tudo para lhes chamar a atenção, obrigando-as a interromperem a conversa fútil que estavam a ter e a lembrarem-se de que tinham filhos. As mães entregavam-lhes uma bolacha ou um biberão com *babyccino* cheio de espuma antes de voltarem a ignorá-los.

Amber estava certa de que Ben não iria achar aquele bando de desmioladas nem um pouco atraentes; não obstante, sentiu-se aliviada por se ter esforçado minimamente para estar apresentável. Passou os dedos pelo cabelo tufado e comprimiu os lábios para manter o batom cor-de-rosa uniformemente distribuído.

O executivo levantou-se e sorriu-lhe.

— Importa-se de dar um olho às minhas coisas, linda? É só o tempo de eu ir buscar outro café.

O seu casaco era reluzente nas cotoveleiras, e o tecido tinha um brilho barato e reles.

— Cuide você das suas coisas — atirou ela. — Imbecil!

— O que é que disse?

As mães estilosas ergueram o olhar ao ouvirem o tom de voz alterado, com as negras pestanas farfalhudas a baterem num movimento impetuoso.

— Não faça uma cena — disse Amber, calmamente. — Caso contrário, digo ao gerente que está a assediar-me.

— O quê?! — rugiu ele, olhando em volta com as mãos no ar, em busca de apoio dos outros clientes. Porém, na azáfama do café, ninguém ouvira a ameaça de Amber. — O que está para aí a dizer, sua cabra maluca?

Amber baixou os olhos e fitou as mãos, cruzando os dedos.

— A senhora está bem? — Um dos funcionários ergueu os olhos da mesa que estava a limpar e aproximou-se dela.

— Se *ela* está bem? Então e eu? — replicou o executivo.

Amber manteve uma expressão neutra, apesar de lhe apetecer sorrir. As pessoas eram tão ingénuas; não era difícil para uma mulher atraente manipular uma situação de modo a satisfazer os seus propósitos.

A porta da rua abriu-se, e Ben entrou no café, olhando em volta à procura dela.

Ela levantou uma mão trémula, e ele sorriu-lhe, caminhando na sua direção.

— É o seu namorado? — O executivo começou a recolher as coisas e a guardar o portátil na pasta. Quando Ben chegou à mesa, disse-lhe: — Desejo-lhe muita sorte, amigo. Vai precisar. — Lançou um olhar demorado na direção de Amber e saiu do café.

— O que se passa? — Ben franziu o sobrolho na direção dele. — Está bem?

— Estou ótima — respondeu Amber, calmamente.

— Está tudo bem? — perguntou o funcionário, enquanto recolhia o tabuleiro com louça suja que estava em cima da mesa.

— Sim. Obrigada por ter intervindo — disse ela, sorrindo.

— De nada — respondeu ele, afastando-se.

— Já vou buscar os nossos cafés — disse Ben, sentando-se ao lado dela e tocando-lhe ao de leve no braço. — Teve alguma discussão com aquele homem?

Amber ergueu o olhar e percebeu que, felizmente, os outros clientes já tinham perdido o interesse na situação.

— Ele convidou-me para sair — mentiu. — Sem mais nem menos, assim do nada. E, quando eu recusei, começou a desatinar e chamou-me cabra. Foi... horrível.

— Credo! — Ben arregalou os olhos e abanou a cabeça. — O atrevimento daquele imbecil! Sinceramente, há com cada um!

— Acontece com frequência — disse Amber, encolhendo os ombros. — Alguns homens parecem pensar que, quando uma mulher está sozinha, é uma presa fácil. E eu... bem, estou sozinha há algum tempo.

Ela reparou que ele percebeu que não havia mais ninguém na sua vida. A expressão dele tornou-se mais doce.

— Mas já não está sozinha — comentou ele, com virilidade, levantando-se. — O que vai ser? *Latte* ou *cappuccino*?

— Obrigada, Ben — respondeu ela, ruborizando ligeiramente. — Pode ser um *latte* com leite magro, por favor.

Ficou a observá-lo a aproximar-se do balcão. Uma sensação de calor assomou-lhe ao peito. Sentiu-se calma e controlada, como se tivesse acabado de fazer uma jogada de abertura importante num jogo de xadrez.

Aquele era um jogo de que ela iria gostar. Haveria de jogá-lo de forma perfeita, e haveria de ganhar.

Não tinha a menor dúvida disso.

CAPÍTULO 5

Judi

Acima de tudo, quero que o Ben seja feliz. Por isso, fico desiludida quando começo a sentir latejar nas minhas têmporas o prenúncio de uma das minhas dores de cabeça, como lhes chama o Henry, depreciativamente.

— Uma pessoa especial? — Faço um esforço genuíno para não alterar o meu tom de voz, e até sorrio para o Ben. — Não me tinhas dito nada.

Claro que eu sempre soube que o Ben acabaria por conhecer alguém. Mas tão cedo... e tão de repente? Confesso que não estava nada à espera.

— Só quis ter a certeza, mãe. — Ele encolhe os ombros e sorri, e, ao virar-se para encarar o pai, acho-o igualzinho ao David. — Antes de vos contar, quero eu dizer. Estamos juntos há uns dois meses.

— Há uns dois meses... Este aqui gosta de a fazer pela calada, já viste, Jude? — acrescenta o Henry.

Respiro fundo.

— Ben, mal passaram dois anos desde que a Louise morreu. Não achas...?

— Já passaram mais de dois anos, e é muito tempo, mãe — diz ele, comprimindo os lábios. — Para ser sincero, percebi que a Amber era especial assim que a conheci, mas achei por bem esperar para ter a certeza dos meus sentimentos.

— Ele já tem idade para saber o que está a fazer, querida — diz o Henry, olhando para o filho.

— E tens assim tanta certeza passados apenas um ou dois meses? — Tento parecer despreocupada em relação à situação, mas, a julgar pelo olhar do Ben, não me parece que esteja a ser muito convincente.

— O pai tem razão; já não tenho 16 anos, mãe — diz, suspirando. — Sei bem o que faço.

— Claro que sim. — Alcanço a sua mão. — E fico contente por ti. Os rapazes já conhecem... a Amber?

— Já estiveram com ela algumas vezes — responde, assentindo. — Dissemos-lhes que era uma amiga minha do trabalho. Para já.

Os rostos inocentes do Noah e do Josh entram na minha mente, e eu tento conter as lágrimas. Estou a agir de forma ridícula; não sei o que se passa comigo.

— Estás bem, mãe?

— Claro que sim! — Esboço um sorriso exagerado. — Se conheceste alguém que te merece, isso são ótimas notícias.

— *Nunca* ninguém te vai merecer, filho. — O Henry pisca-lhe o olho. — Sabes disso, não sabes?

— A Louise merecia — atiro, ríspida, levantando-me. — A Louise era perfeita.

A estranha sensação surge bem no fundo do meu plexo solar.

Sei que não tenho muito tempo, por isso abotoo o casaco de malha e saio para o jardim pela porta da cozinha. O ar frio faz-me tremer, mas sabe bem. O sol é enganador; este frio exige um casaco mais quente. Não que eu vá precisar de um nos próximos minutos.

Inspiro uma golfada de ar gelado, mas isso não ajuda a dissipar a vaga de calor que me invade o baixo-ventre e sobe rapidamente para o meu peito, pescoço e cabeça.

No início, os afrontamentos ocorriam apenas de noite. Era muito fácil sair à socapa da cama sem incomodar o Henry, que sempre teve um sono pesado, e estender duas toalhas sobre os lençóis encharcados. De manhã, mudava os lençóis enquanto ele estava

entretido no jardim. Era um homem de rotinas, e eu gostava dessas certezas.

Não queria que ele visse as provas de que o meu corpo estava a mudar. Tive um início tardio, em comparação com a idade média dos 51 anos, e já começara a sentir-me como uma condenada que espera pela ordem de comando do pelotão de fuzilamento. Agora, estava a ter dificuldade em lidar com a temível palavra começada por «M», evitando passar pela indignidade de revelar os meus sintomas ao meu marido.

O Henry sempre foi melindroso em relação aos meus «problemas femininos», como ele rotulava tudo o que estivesse minimamente relacionado com o sistema reprodutor feminino. Qualquer referência à menopausa por parte da esposa seria demais para ele.

Contudo, no último mês, os afrontamentos tinham deixado de ser exclusivamente noturnos e começaram a ocorrer na clínica e, por vezes, em casa, durante o dia. E estão a ocorrer novamente neste preciso momento.

Não é algo que possa esconder abanando-me discretamente com um leque, como uma dama vitoriana. Agora mesmo, tenho gotas de suor a escorrerem-me pela cara e pelo pescoço, aglomerando-se na minha clavícula e na cavidade ao fundo das minhas costas. A minha blusa está encharcada à frente e atrás; sem dúvida que terei de mudar quando voltar para dentro de casa. Tudo isto em cerca de quatro minutos.

Traz-me à memória um documentário que vi certa vez sobre alpinistas. Há um fenómeno que ocorre em condições de temperaturas negativas e que leva a que os alpinistas em delírio sofram uma disfunção cerebral que indica ao seu corpo que está com excesso de calor, fazendo com que, no cimo de uma montanha com temperaturas negativas, eles se dispam por completo e tenham morte certa.

Na altura, pareceu-me um exagero, mas agora compreendo perfeitamente. Aparentemente, alheio ao facto de estar no jardim a desfrutar do tempo primaveril gelado, tipicamente inglês, o meu corpo faz-me sentir como se estivesse sob o sol escaldante de uma praia no Dubai. Não é tão idílico quanto possa parecer.

Ouçõ a porta da cozinha a abrir nas minhas costas. O Josh sai, disparado, e passa por mim a correr, em direção ao fundo do nosso enorme jardim. Os meus ombros descontraem e, não obstante o calor abrasador que sinto, sorrio. O Josh nem repararia se o meu cabelo estivesse a arder.

Ele desaparece por detrás da pequena fileira de coníferas que o Henry plantou há dez anos para termos um pouco mais de privacidade em relação aos vizinhos, e a que o Josh chama, de forma ternurenta, «bosque».

Trinta segundos depois, ouço um grito de prazer.

— Avó, olha! — O Josh atravessa novamente o jardim em passo de corrida e estende cuidadosamente a mão, como se guardasse algo de valor inestimável. Traz uma pequena pena branca aninhada na mão. Não sei como conseguiu ela escapar à lama que cobre as suas calças e botas. — É linda — diz ele, com um suspiro, pegando na haste oca e segurando-a no ar. Gira-a lentamente contra os ténues raios de Sol primaveris que penetram pelas folhas novas de um verde pálido. Através dos olhos do Josh, consigo vislumbrar a magia.

A pena é pequena, mas seca e perfeita. As barbas lustrosas e firmes vão ficando mais suaves em direção à base, até formarem uma penugem branca. Delicada, mas forte.

— É mesmo. — Pouso a minha mão no seu pequeno ombro. — É um milagre.

Por instantes, deixamo-nos ficar perdidos na beleza daquele pequeno fragmento da natureza. Um bálsamo calmante diante do sentimento de culpa e de remorsos com que me torturo em silêncio todos os dias. O horror que não consigo discutir com mais ninguém.

Passar tempo com os meus netos é uma boa distração dos comprimidos que o Dr. Fern receitou para me ajudar a dormir, e que escondi do Henry, no fundo da gaveta da minha mesa de cabeceira. Ainda não tomei nenhum; tenho tentado passar sem eles.

Quando penso na altura em que os meus filhos eram novos, parecia haver sempre muito que *fazer*. Coisas que pareciam importantes na altura, mas que sei agora que não eram.

— Mas ainda tens coisas para fazer agora — disse a minha colega Maura quando tentei explicar-lhe os encantos de ser avó. — Tens o teu trabalho, manténs aquele casarão em ordem sem a ajuda de ninguém... Não sei como arranjas tempo para cuidar dos miúdos.

Eu sabia aonde ela queria chegar, e tinha razão ao insinuar que o Henry não mexia uma palha em casa, mas ela não estava a perceber aonde eu queria chegar. A roupa, a lida da casa, a comida — nada disso era importante.

Os meus netos tinham-me ensinado que não havia mal se as coisas não aparecessem feitas. A casa não explodiria. Não passaríamos fome.

— Pensa na tua vida, Maura — disse-lhe. — Imagina que alguém te tirava todas as tarefas, pressão e preocupações, e que as substituíra pela mais pura alegria que enchesse o teu coração e satisfizesse todas as tuas necessidades. Se conseguires imaginar isso, começarás a perceber aquilo que sentem os avós.

— Caramba! — Ela sorriu-me. — Estás apanhadinha de todo! Estás a ficar uma lamechas. És um caso perdido, minha amiga. Estás destinada a fazer de ama-seca e a brincar com legos até ao fim dos teus dias.

— Não me ocorre nada melhor — respondi-lhe, com um sorriso. — Parece-me um sonho, pelo menos para mim.

Claro que, na altura, não sabia que esse sonho nunca se realizaria, substituído como foi pelo pior dos pesadelos.

UMA MÃE DEDICADA

Ben é um pai viúvo que dá o seu melhor para criar os filhos pequenos com a ajuda de Judi, a sua mãe dedicada. Para Judi, nada é mais importante do que a família, e estar perto do seu filho e dos seus netos é a única coisa que lhe dá alento na vida.

UM NOVO MEMBRO NA FAMÍLIA

Mas Ben apaixona-se por Amber, que parece ter tudo para ser a madrasta perfeita para as crianças. Só que Judi não gosta de Amber, e está certa de que esta esconde alguma coisa. A verdade é que Amber também não gosta de Judi, e tudo fará para a afastar do seu caminho.

UMA PERIGOSA OBSESSÃO

Tanto Judi como Amber querem Ben e as crianças só para si, e ambas acabam por revelar um comportamento perigosamente obsessivo, que poderá pôr em risco a vida de todos. Incluindo a das crianças.

«Um excelente thriller psicológico,
repleto de surpresas.»

Me Loves Books

Leia também,
da mesma autora:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-31-7



9 789898 917317

Thriller